

ANNE B.

SOBRE A DELICADEZA  
DA FORMA



BEATRIZ AQUINO

EDITORIA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Krishnamurti Góes dos Anjos

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Maurício Barbosa

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A657a AQUINO, Beatriz, –  
Anne B., sobre a delicadeza da forma / Beatriz Aquino –  
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.  
94 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-568-3

1. Romance I. Título.

CDD: B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## A polissemia da voz de Beatriz Aquino em *Anne B – Sobre a delicadeza da forma*

O fio da voz ou seu fiapo aquela voz tartamudeada em que ouvimos ruídos / frases quebradas (sonoras) poderá ser uma voz se narrada simbioticamente? É possível alguém se assemelhar ao que o outro tem de mais pessoal e singular, que é a sua voz-autoria? Em estados de esfacelamento do eu como guerras, emprestamos não só a vontade, mas também o corpo, que vai como última potência de um desejo fragmentando, esquizofrênico, no estatuto da guerra, ideologia e corpo às vezes não batem continência um para o outro.

A voz em estados violentos tende a não sincronizar, sintonia e frequência. A voz, portanto, é uma das únicas condições da não violência da farsa. Tente falar sob forte emoção. Disfarçar a voz sob forte sentimento. Mas e o estado alienado da voz? Poderíamos dizer que na literatura existam vozes alienadas com relação ao meio, aqui dizendo a história que se conta sobre o personagem em questão?

Mas qual seria? Para uma atenta aferição do leitor, uma personagem que eleve sua voz mimética, camufladora, talvez, acima dos decibéis da urbe social. Qual será a função de uma voz que se agarra ao mesmo tom de cor do seu habitat?

Me vieram estas perguntas ao ler o romance da escritora e poeta **Beatriz Aquino**, *Anne B. – Sobre a delicadeza da forma*.

Um homem português, escritor, verbaliza um fluxo de consciência à uma escritora americana. Num relato em devir, pois parece que ele está à margem dos acontecimentos entre os dois, que já pertence ao arcabouço da memória. Sua condição de humano parece ser tateante – um enaltecimento da escritora que lhe dirige e escreve todo afeto que um dia lhe desejou, além da conta de um pertencimento físico, mais perto do meramente espiritual.

Sua diminuição de si como pessoa, lhe dá um aspecto “clownesco”, como um ser que não perde aspectos da linguagem, porém, perdeu sua dignidade humana de homem Cis, (?) operante e ativo. Portanto temos na narração do livro um devir-linguagem, que opera em sua total potência estilística e semântica, avaliando e averiguando esta mulher que parece espectral? Matizada de devaneios, sonhos e lembranças em que não sabemos até que ponto o factual / delírio são concomitantes e verdadeiros.

Ao analisar a obra já a lendo, no discurso da escrita do prefácio, me vieram à mente como uma fagulha incandescente, os livros de **Samuel Beckett**, onde só temos a voz única e desencarnada sem qualquer substância material aqui tanto de fundo social, como de ambiente. Uma voz que parte do ser locutor, mas sem interlocução! Potente, cambiante em seus mecanismos neurais de sentido e potência. Na literatura, a ambiguidade do texto vem muito desta polissemia em que o **como** se conta, pode muito fragmentar em estilhaços, sentidos e frequências do narrar.

Amparamos na verdade que o narrador que nos conta a história, deveria não sofrer cortes ou elipses de autenticidade do relato proposto por ele ao leitor. Acreditamos que experiências e sentimentos são corroborados pelo fio da voz que nos fala. O grande barato de **Beckett** é de antemão, avisar ao leitor que seu narrador está alquebrado como um clown. Não

há formas sociais no escritor, só temos sua voz. **Beatriz** vai um passo à adiante, pois em seu relato oscilante de Francisco, temos apesar do sofrimento do personagem narrador, empatia? Com **Beckett** seria tal façanha impossível?

**Beatriz** revela um parentesco formal com o escritor irlandês ao solar em seu primeiro romance uma voz sobre a qual não temos quase nenhuma referência a não ser o que ele fala, sua voz sôfrega e periclitante. É constante nos testemunhos da literatura e da ficção o discurso da fala dobrada, aquilo que fica soterrado pela leitura atenta ou não, de uma terceira margem do rio, que aos poucos vai submergindo ao prumo do texto, ficando em sua película visível a ordem numérica das letras, a gramática refratária dos sentidos.

*Fernando Andrade*



O MUNDO NÃO É COMO VOCÊ PENSA. As pessoas não sofrem como você imagina. Elas não se debatem em conflitos morais. Suas consciências não povoam o travesseiro como estacas pontiagudas. As estalactites da culpa não ocupam seus pensamentos e sequer causam qualquer desconforto aos seus dias.

O mundo ri enquanto você chora, Anne B. Ninguém se importa. Nem com o seu e nem com o pranto das crianças da África que disputam lama azeda com os bichos para matar a sede. Enquanto isso, enquanto a sede de inocentes arranha com unhas minúsculas as planícies de uma terra antes ingênua, homens, mulheres, santos e mendigos se refastelam em seus banquetes de opulências. As carnes e os ossos compartilhados em cadeia, as risadas torpes ecoando das latrinas às louças chinesas. Estão todos alheios. Todos dançam histéricos a música hipnótica da ilusão. Todos estão trôpegos e cevados como porcos semanas antes do Natal. Todo mundo é um grande pernil minha cara. Todo ser humano é uma víscera encoberta, uma peça de caça, um corte *naïff* e desavisado no grande açougue do mundo. Uma especiaria marinada, curtida dia a dia com as mentiras que conta e que aceita em seu cotidiano e com os pequenos delitos invisíveis ao Grande Olho, esse ser tão condescendente com o pecado e todos os seus subprodutos.

Enquanto você chora Anne B., ou enquanto ingenuamente tenta inventar um sentido pro mundo, você com esse ar nobre e essa mania de Joana D'Arc pós moderna, com essa mania besta

de achar que existe valentia e beleza em cada alma vivente, enquanto você se ocupa e perde a sua beleza em noites insones diante da velha máquina de escrever comprada com tanto orgulho na feira de antiguidades, enquanto você planeja e elabora um *grandfinale* para a sua vida e para todos à sua volta nesse dom e nessa sina que tens de harmonizar tudo o que é feiúra, os homens e as mulheres, os homens com as suas mulheres riem e gargalham. Ninguém se lembra do crime cometido no verão que passou. O cheiro fétido dos corpos que eles mataram exala por baixo de seus ricos tapetes, mas eles não ligam.

Veja, Anne. A humanidade está acostumada a chafurdar na própria imundície. Bebe o chorume do amontoado de atrocidades que cometeu como fosse uma deliciosa iguaria. São frequentadores assíduos desse alambique de sádicos.

É verdade, minha cara. E sei que se espanta quando falo assim, pois essa tua alma insiste, já disse, em ser nobre. E o que é pior, ela não apenas insiste, ela é nobre. Você bem que gostaria de ser diferente, de ter cometido uma vilaniuzinha que fosse para poder se acomodar com maior comodidade e elegância na mesa de jantar dos cínicos. Mas não. Nada disso, Anne. Você será sempre essa ave rara de cores ainda desconhecidas e por vezes deveras perturbadoras. Você será sempre essa dissonância em meio a maldade. Que bom que é assim, não é? Mas eu sei que não é bom. Não é. O mundo se torna espinhoso demais para quem nasce com a verdade estampada na cara sem dispor de um atenuante sequer.

Você Anne B, e perdoe-me se te chamo assim pelo primeiro e segundo nome, é que há algo de profundamente bonito e misterioso nisso, é uma dama, uma milady perdida de algum século distante, uma outlander desfilando doçura e civilidade em meio aos bárbaros. Acha mesmo que eles compreenderão Anne? Acha mesmo que adiantará alguma coisa tudo isso? De que te valerá essa insistência em querer equalizar o mundo na



sintonia de roucas vitrolas e ricos poemas? O mundo não entende Anne. Todo ele foi consumido e abduzido por esse grande buraco negro. O mundo inteiro é um grande cu, Anne B. Ele sucumbiu violentamente aos imperativos do reto. Acabou o tempo em que ele seus habitantes transitavam em pensamentos e gestos localizados acima da linha da cintura, onde elegantes senhoras e senhores discutiam pensadores e acreditavam que a existência estava localizada em algum lugar entre as nuvens do céu e o pico da mais alta montanha.

Desista, Anne. Desista. As lareiras foram extintas. Os livros com seus perfumes de cedro e história, os livros com suas infinitas possibilidades, acabaram. Nada mais é como antes e jamais o será. Sinto em dizer.

Às vezes me enervo contigo. Muitas vezes, aliás. Principalmente quando testemunho a tua insistência em cair ou se jogar nessas armadilhas tão sórdidas e tão batidas de homens e mulheres. Fico furioso ao te ver se doar como um cordeiro, se estraçalhar inteira só pra ter certeza se estavas certa ou não em confiar no ser humano. Nessas horas te imagino talvez uma grandíssima vaidosa. Uma altruísta cega que acha que pode salvar o mundo. Mas depois, ao te ver assim em pedaços chorando por pessoas e coisas tão óbvias vejo o quanto és realmente ingênua. Mas não pense que vejo nisso alguma beleza, Anne. Não tem graça. Não tem porquê. E não entendo. Não é burrice porque burra você não é. Aliás, eu já lhe disse que você é uma das pessoas mais inteligentes com que já me deparei. E constatei isso quando lhe disse essa mesma frase e você a recebeu com tanta simplicidade e portanto, com tanta autoridade, que ali vi que a inteligência, aquela verdadeira, é inerente e sem subterfúgios como uma espécie de segunda pele aos seres que realmente a possuem. Nunca vou esquecer do momento dessa constatação.

Era um tarde fria na Antuérpia, você tomava um café. Nunca entendi porque diabos uma mulher como você poderia estar

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen bold 90 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2019.

---